

# Uso de linguagens on-line em informações de enfrentamento à violência contra a mulher: o caso da *Revista AzMina*

Uso de lenguajes en línea en la información para combatir la violencia contra las mujeres: análisis de la *Revista AzMina*

*Use of online languages in information to combat violence against women: analysis of Revista AzMina*

## AUTORES

**Juliana Castelo Lima\***

[julianacastelo32@gmail.com](mailto:julianacastelo32@gmail.com)

**Patrícia Raket de Castro Sena\*\***

[patricia.raket@ufma.br](mailto:patricia.raket@ufma.br)

\* Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA, Brasil).

\*\* Professora doutora e vice coordenadora do programa de pós-graduação em Comunicação/ Modalidade Profissional da Universidade Federal do Maranhão (UFMA, Brasil).

## RESUMO:

Esta pesquisa objetiva identificar e compreender as estruturas de linguagem pertencentes ao jornalismo on-line nas publicações do site *Revista AzMina*, veículo denominado feminista e independente que se propõe ao enfrentamento da violência contra a mulher por meio de informações organizadas em editoriais e colunas opinativas. Junto à contextualização teórica sobre gênero, violência e resistência, este artigo utiliza a Análise de Discurso para investigar, em notícias e reportagens das editoriais de política, violência e cultura, a presença ou ausência das sete características do jornalismo on-line: hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade, a fim de evidenciar a importância de uso dessas linguagens para efetivo alcance do público utilizador.

## RESUMEN:

Esta investigación tiene como objetivo identificar y comprender las estructuras del lenguaje propio del periodismo en línea en las publicaciones de la web *Revista AzMina*, un vehículo feminista e independiente que propone hacer frente a la violencia contra las mujeres a través de información organizada en editoriales y columnas de opinión. Junto a la contextualización teórica sobre género, violencia y resistencia, este artículo utiliza el análisis del discurso para investigar, en noticias y reportajes pertenecientes a las secciones de política, violencia y cultura, la presencia o ausencia de las siete características del periodismo en línea: hipertextualidad, multimedialidad, interactividad, memoria, instantaneidad, personalización y ubicuidad, con el fin de resaltar la importancia de utilizar estos lenguajes para llegar de manera efectiva a los usuarios.

## ABSTRACT:

The present research seeks to identify and understand the language structures belonging to online journalism in the publications of the *Revista AzMina* website, a so-called feminist and independent vehicle that proposes to confront violence against women through information organized in editorials and opinion columns. This article uses discourse analysis to investigate, in news and reports belonging to the politics, violence and culture sections, the presence or absence of the seven characteristics of online journalism: hypertextuality, multimediality, interactivity, memory, instantaneity, personalization and ubiquity, to highlight the importance of using these languages to effectively reach the user audience.

## 1. Introdução

*Revista AzMina* é um veículo jornalístico brasileiro, denominado feminista e desenvolvido em site, o qual possui, atualmente, uma equipe formada por 29 mulheres, seccionadas em várias áreas de atuação. Desde seu início, no ano de 2015, por meio de financiamento coletivo, propõe-se combater a realidade de violência contra a mulher utilizando informação on-line, com foco na defesa dos direitos e valorização das mulheres em sua ampla diversidade.

Junto a isso, observa-se as seguintes frentes de atuação da *Revista AzMina*: tecnologia, palestras, consultoria, campanhas e jornalismo, área em que foram recebidos alguns prêmios no Brasil, como o Troféu Mulher Imprensa 2020; Prêmio Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados<sup>1</sup> em 2020, com o projeto de monitoramento Elas no Congresso na categoria Inovação; Prêmio Respeito e Diversidade pelo aplicativo PenhaS, de enfrentamento à violência contra a mulher e Prêmio Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados em 2021, com o projeto MonitorA, observatório de violência política de gênero nas redes sociais.

Com enfoque nas produções jornalísticas desenvolvidas no site, é possível destacar a presença de nove editoriais, nomeadas como: política, violência, saúde, feminismos, comportamento, cultura, dinheiro, esporte e maternidade, em notícias e reportagens que possuem textos, imagens, infográficos e vídeos, além de dez colunas opinativas com publicações de autoras relacionadas a temáticas como gordofobia, machismo, literaturas feitas por mulheres, deficiências, regionalismo e questão racial.

A partir desse contexto em que se estabelece o site AzMina enquanto objeto de investigação, o presente artigo propõe-se a desenvolver uma análise a partir do seguinte problema: como se estabelece a linguagem jornalística no site da *Revista AzMina*? Então, ao tratar da linguagem no jornalismo on-line, tem-se o primeiro referencial teórico a ser utilizado nesta pesquisa, com a definição de jornalismo que se faz na Internet através de algumas particularidades que o diferenciam do jornalismo feito em canais ditos tradicionais, por meio de conceitos construídos por Canavilhas, Salaverría, Rost, Palacios, Bradshaw, Lorenz e Pavlik, na obra *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (2014).

Para Canavilhas (2014), a principal característica do jornalismo on-line em distinção ao tradicional impresso são as propriedades específicas a serem acrescentadas às notícias veiculadas em sites e portais. Mas, principalmente, que os conteúdos passam a ser construídos com linguagens intrínsecas ao meio virtual. São eles: *hipertextualidade*, com diversas ligações entre textos que oferecem diferentes percursos de leitura (Canavilhas, 2014); *multimedialidade*, ao informar, simultaneamente, aos cinco sentidos do utilizador (Salaverría em Canavilhas, 2014); *interatividade*, que possibilita a participação do público (Rost em Canavilhas, 2014); a produção e estímulo à *memória* por meio das notícias (Palacios em Canavilhas, 2014); *instantaneidade* que possibilita atualizações em tempo real e velocidade de distribuição (Bradshaw em Canavilhas, 2014 2014); a *personalização* que singulariza a experiência de consumo de informações ao utilizador (Lorenz em Canavilhas, 2014) e, por fim, a *ubiquidade* como presença do jornalismo on-line em diversos lugares (Pavlik em Canavilhas, 2014). É preciso destacar ainda que, para além de referencial teórico, as particularidades acima enumeradas serão, sobretudo, utilizadas como categorias analíticas desta pesquisa.

Assim considerado, objetiva-se entender, após contextualização teórica de gênero, violência e resistência, como se estruturam as linguagens do jornalismo on-line neste site, por meio de análise das sete características propostas por Canavilhas (2014) que possam ou não estar

### **PALAVRAS-CHAVE**

Análise de discurso;  
jornalismo on-line;  
*Revista AzMina*;  
linguagens on-line.

### **PALABRAS CLAVE**

Análisis del discurso;  
periodismo en línea; *Revista AzMina*; lenguajes online.

### **KEYWORDS**

Discourse analysis;  
online journalism;  
*Revista AzMina*;  
online languages.

Recibido:  
28/11/2022

Aceptado:  
11/06/2023

presentes nas publicações disponíveis. O recorte temporal do material selecionado para análise é de 2020 e 2021. Em razão do contexto de pandemia pela Covid-19 e isolamento social, neste período, houve necessidade de maior permanência na esfera domiciliar, culminando também em produções jornalísticas e consumo mais expressivo de conteúdos on-line. Também é nesse período que alguns relatórios apontaram para um aumento significativo de violência doméstica<sup>2</sup>.

Portanto, esta pesquisa se justifica em razão de destacar a importância e necessidade de um consistente uso das características de linguagem on-line, para que possam beneficiar o fazer jornalístico em soma ao alcance eficaz do público-alvo<sup>3</sup>, em um contexto de jornalismo cada vez mais especializado e direcionado a nichos de leitores, neste caso, mulheres a serem informadas acerca da violência que possam sofrer, garantindo mais legitimidade, diálogo com as receptoras e horizontalidade nas notícias do site.

Por fim, a metodologia proposta para alcançar o objetivo desta pesquisa é a Análise de Discurso do site *AzMina*, a partir das definições de discurso de Teun A. van Dijk (2010) e de Gill (2002) a serem expostas posteriormente, sob a perspectiva do jornalismo on-line, de modo a identificar quais particularidades da linguagem na Internet, desenvolvidas pelos autores acima apresentados, fazem parte da estrutura noticiosa das publicações que serão selecionadas das seguintes editoriais presentes no site: política, violência e cultura.

## 2. Violência contra a mulher e a resistência feminista

Para contextualizar a análise deste trabalho, compreender e problematizar a realidade atual em que se inserem homens e mulheres, cuja oposição e hierarquização na sociedade gera consequências negativas a elas e de privilégio<sup>4</sup> a eles, é preciso traçar um percurso teórico por meio de conceitos que auxiliem na contextualização do problema da violência contra a mulher, bem como o histórico de resistência através do movimento feminista, inclusive no Brasil. Para tal, é indiscutível propor reflexões, de início, acerca da questão de gênero.

Para além da dicotomia em que se estabeleceu a divisão biológica entre homens e mulheres desde a Antiguidade, o gênero está diretamente ligado às relações sociais nas quais grupos de indivíduos foram criados, em que se inserem de acordo com as características padronizadas do que é ser homem e mulher, como explicam Connell e Pearse (2015):

A manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais é o que a teoria social chama de “estrutura”. Nesse sentido, **o gênero deve ser entendido como uma estrutura social**. Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano. É um **padrão** em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão (Connell & Pearse, 2015, p. 47, grifo da autoria).

Dessa forma, a noção dicotômica de gênero vai além das diferenças sexuais biológicas, estendendo-se aos comportamentos em sociedade e é, nesse sentido, que Scott (1995) destaca a possível conexão com relações de poder:

Não somente o parentesco, mas também (especialmente para as complexas sociedades modernas) o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas, ou de coeducação fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção do gênero) (Scott, 1995, p. 87).

Então, essa divisão em diversas áreas a partir da questão de gênero existe para obedecer e, principalmente, sustentar uma estrutura implementada e desenvolvida há muitos anos e que se manifesta até hoje: o patriarcado, que não existiria sem a concepção de poder, como afirmam Connell e Pearse (2015):

O poder dos maridos sobre as esposas e dos pais sobre as filhas são um aspecto importante da estrutura de gênero. Essa ainda é uma ideia aceita em grande parte do mundo, mesmo em formatos modificados, como na ideia do pai como “chefe do domicílio”, “chefe de família”, etc. (Connell & Pearse, 2015, p. 47).

O patriarcado é um regime de exploração e dominação das mulheres pelos homens, historicamente detentores de lugares privilegiados para tomada de decisões, vistos e respeitados como líderes. Essa estrutura é ainda mais delimitada em aspecto temporal por Saffioti (1987):

Calcula-se que o homem haja estabelecido seu domínio sobre a mulher acerca de seis milênios. São múltiplos os planos da existência cotidiana em que se observa essa dominação. Um nível extremamente significativo deste fenômeno diz respeito ao poder político. Em termos muito simples, isto quer dizer que os homens tomam grandes decisões que afetam a vida de um povo (Saffioti, 1987, p. 47).

No entanto, mesmo sendo uma ideologia milenar, mundialmente difundida e absorvida em diversas culturas, o patriarcado não deve ser visto como natural ou normal, exceto por quem se beneficia desse sistema ao longo do tempo, ou seja, dependem da “ideia de natureza que defende a existência de apenas dois sexos, cujos comportamentos foram programados” (Tiburi, 2020, p. 63) para que se mantenha em vigência. Nesse sentido, a autora (2020) destaca a principal manifestação patriarcal na sociedade, o machismo:

É um modo de ser que privilegia os “machos” enquanto subestima todos os demais. Ele é totalitário e insidioso, está na macroestrutura e na microestrutura cotidiana. Está na objetividade e na subjetividade, isto é, mesmo que seja uma ordem externa ao nosso desejo, foi e é introjetado por muitas pessoas, inclusive mulheres. E, porque o machismo faz parte de um modo orgânico de pensar, de sentir e de agir, é tão difícil modificá-lo (Tiburi, 2020, p. 63).

Ou seja, o machismo como parte de “ser masculino” está presente em inúmeras relações sociais, sempre priorizando o homem e direcionando a mulher ao local de submissão e obediência, sendo inferiorizada para que não se sinta capaz de viver em igualdade, como na esfera profissional e nas relações domésticas, por exemplo. E é por meio desse comportamento enraizado que se legitimam as violências de gênero ou, em outros termos, contra as mulheres.

Pela perspectiva machista, a mulher deve servir ao homem, sem questionar ou criticar o papel que lhe é designado, muitas vezes sendo objetificada e sexualizada. E é por meio da violência que eles buscam provar sua masculinidade e força na sociedade.

Em resgate à equação política de Aristóteles, Tiburi (2020) explica como a divisão entre público e privado, criada pela cultura grega, também distingue espaços entre homens e mulheres, contextualizando a violência de forma histórica:

*Pólis* é a cidade-Estado e *Óikos*, o território da casa. O primeiro é reservado aos homens e o segundo, às mulheres, aos escravos e aos animais. (...) as bases da separação entre público e privado estão dadas aí e correspondem à diferença entre gêneros e classes, bem como entre cultura e natureza. No mundo da *pólis* grega, se exerce a voz que leva à expressão e à partilha das ideias. Assim se constitui o reino da democracia ateniense ocupado pelos homens na *ágora* que é, justamente, o espaço público do encontro entre cidadãos. No espaço da casa, há o trabalho, a procriação e a sustentação organizada da vida. Essa separação entre público e privado coloca homens e mulheres (e escravos e animais) em mundos separados (Tiburi, 2020, p. 105, grifos da autoria).

Assim, essa estrutura social definida se consolidou e é tida como base tradicional e inconsciente até os dias atuais: o espaço público direcionado aos homens e o lar direcionado às mulheres, onde era e ainda é passível de se praticar a violência. Para destacar a raiz desse problema, Hooks (2021) aborda o termo violência patriarcal conectado ao domínio sexista que ocorre, muitas vezes, dentro de casa:

A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva (...). O termo “violência patriarcal” é útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina (Hooks, 2021, p. 95, grifos da autoria).

Portanto, ao contrário do que possa se imaginar sobre violência de gênero, o ambiente familiar não representa segurança completa em relação aos riscos fora de casa. Muitas vezes, a mulher é ameaçada e violentada pelo próprio pai, marido, irmão, porque faz parte de socialização dos homens o estímulo à agressividade. E, de maneira geral, Hooks (2021) destaca que, em razão da cultura reproduzida, todos são socializados para aceitar a violência como principal meio coercitivo. Nesse sentido, é possível dizer que as mulheres também acreditam e reproduzem a noção de que um indivíduo com autoridade pode usar a força para manter sua posição.

Connell e Pearse (2015) reforçam e exemplificam essa questão ao afirmar que o poder patriarcal acaba sendo, de forma impessoal, operacionalizado pelo próprio Estado. E essa é uma realidade presente até os dias atuais:

Um exemplo clássico, analisado em um famoso artigo de Catherine MacKinnon (1983), é o procedimento dos tribunais em caso de estupro. Independentemente de qualquer viés pessoal do juiz, os processos por meio dos quais se julgam acusações de estupro efetivamente **colocam a autora da queixa em regime de julgamento ao invés do réu. O histórico sexual da mulher, sua situação conjugal e seus motivos para prestar queixa são postos em escrutínio**. Apesar de tentativas de reformas, **prestar queixa ainda pode ser, hoje, uma experiência traumática para a mulher** (Connell & Pearse, 2015, p. 161, grifo da autoria).

Então, para as diversas formas de violência sofridas pelas mulheres – física, psicológica, sexual, patrimonial também decorrentes da violência doméstica<sup>5</sup> – existem diversos impedimentos e burocracias impostos em caso de tentativas de denúncia, embora, ao longo da história, essa realidade venha mudando gradativamente.

E essa mudança é consequência de inúmeras lutas do movimento feminista. A luta contra a violência é, inclusive, uma das principais bandeiras do feminismo. Para Hooks (2021, p. 17), “(...) é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”, ou seja, não há como lutar contra o patriarcado sem reconhecer o sexismo, que privilegia homens – mas pode ser perpetuado por mulheres, adultos e crianças também – como um problema. A partir dessa definição, a autora (2021) buscar esclarecer que o movimento não é anti-homem, muito embora seu início tenha se dado a partir da ira à dominação masculina, ou apenas para a luta pela igualdade entre homens e mulheres, como muitos acreditam.

Vale ressaltar ainda que, no início, o movimento feminista foi polarizado e possuía contradições nas lutas entre mulheres brancas e negras: enquanto as reformistas, mulheres brancas focavam na igualdade de gênero e no direito ao voto num primeiro momento, além de reivindicarem o direito de sair e trabalhar fora do lar sendo remuneradas; as negras, revolucionárias, já o faziam sendo exploradas e subordinadas. Portanto, suas lutas eram, principalmente, pelo direito de existir como mulheres e contra o racismo que sempre sofreram em todos os espaços. Ou seja, não havia incorporação de lutas das mulheres negras junto a manifestação das brancas, privilegiadas nesse sentido. E, nesse contexto, a mídia de massa, que servia aos interesses patriarcais, não dava espaço à visão revolucionária, de modo a restringir o ideal feminista à luta das mulheres para alcançar o que os homens possuíam (Hooks, 2021).

Os detentores do poder acolhiam esse feminismo reformista, a partir do que beneficiasse a supremacia branca, ofuscando a ideologia do feminismo contemporâneo, “que pedia reforma e reestruturação geral da sociedade, para que nossa nação fosse fundamentalmente antissexista” (Hooks, 2021, p. 21) e, além disso, para que fosse antirracista, anticapacitista, antilgbtfóbica e sem discriminação por condição social, por exemplo. Portanto, não é possível alcançar a igualdade, pelo movimento, sem as lutas de classe e raça a ele associadas diretamente, rompendo com a realidade do patriarcado capitalista de supremacia branca vigente.

É importante destacar que o feminismo se divide em três ondas principais, ou divisões históricas que se propõem a organizar o pensamento e produções do movimento: a primeira onda, que data o final do Século XIX, possuiu enfoque na luta por direitos das mulheres, como o voto e o trabalho remunerado. Na segunda onda, em meados dos anos 1960, passou-se a discutir e problematizar o papel e a imagem da mulher, refletindo de forma intensa acerca da desigualdade de gênero e das liberdades sexuais e, na terceira, por volta das décadas de 1980 e 1990, concentrando-se na diversificação da mulher, considerando novas pautas e segmentos de acordo com as necessidades das ativistas.

Para pensar ainda, em viés histórico, como os ideais feministas e suas ondas chegaram ao Brasil, é preciso entender quem eram as mulheres brasileiras e seus respectivos contextos antes da chegada do movimento, período do Brasil Colônia (1500-1822) e Brasil Império (1822-1889). Teles (1999) afirma que é preciso considerar três grupos distintos: as mulheres indígenas, negras e brancas.

O papel da mulher indígena se adaptava à tribo a qual estava inserida, de acordo com os costumes e valores específicos. No entanto, com a colonização e chegada dos jesuítas, passou a ser subordinada ao papel de reprodutora e doméstica. A mulher branca, de origens portuguesas, já ocupava o local de submissão pela cultura patriarcal, destinadas ao casamento e atividades do lar. E a mulher negra e escrava, era explorada nos aspectos sexual, mão de obra e trabalho doméstico, além de ser destinada à reprodução de mais escravos (Teles, 1999). Portanto, os três grupos de mulheres brasileiras possuíam a mesma característica em comum: a submissão, sem direito a espaço e voz na sociedade como tinham os homens.

No Brasil Império, a mulher também não tinha acesso ou poderia sequer interferir nas decisões do país. Somente a partir de revoltas sociais, ao longo dos séculos, brasileiras começaram a se destacar, como na Revolução Farroupilha, em 1830, sob liderança de Anita Garibaldi, bem como as abolicionistas Leonor Porto, Maria Amélia de Queiroz, Maria Firmina dos Reis, Chiquinha Gonzaga e Maria Baderna. (Teles, 1999).

Então, o papel direcionado à mulher pelo sistema patriarcal começou a ser questionado, sob o contexto de industrialização brasileira e Proclamação da República, por exemplo. Ainda no Século XIX, elas reivindicaram o direito à educação e, posteriormente, ao voto, com reflexos da primeira onda feminista já intensificada no exterior, ainda que apenas por mulheres brancas e elitizadas neste primeiro momento. Em seguida, Pinto (2010) destaca que o movimento das mulheres trabalhadoras também ganhou espaço na luta por direitos trabalhistas:

Ainda nesta primeira onda do feminismo no Brasil, vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na 'União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas'. Em manifesto de 1917, proclamam: 'Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes' (...) (Pinto, 2010, p. 16).

Após essa fase, a segunda onda do movimento feminista no Brasil (Santin, 2019) enfocou na discussão acerca dos padrões sociais estabelecidos, surgindo diversas frentes de lutas e mobilizações pela igualdade de gênero com adeptas em maioria brancas, ainda desconsiderando pautas das mulheres negras e de classes inferiores.

Por fim, é nesse contexto que surge, então, uma terceira onda no Brasil, nos anos 1990, buscando destacar as especificidades das mulheres, trazendo a interseccionalidade para o movimento e tendo como principal objetivo "a desconstrução das teorias feministas e das representações que categorizam o gênero de modo binário: masculino x feminino. Discussão semelhante à realizada por Simone Beauvoir, quando ela distingue 'gênero' do que denomina 'sexo dado'" (Santin, 2019, p. 43). Nesse contexto surgem também as lutas pela liberdade de escolha para as mulheres, pauta amplamente defendida nos conteúdos da *Revista AzMina*, a serem observados ao longo deste artigo.

### 3. Revisão sistematizada e o discurso

Para sistematizar a bibliografia desse estudo e trazer o que foi publicado nos últimos anos acerca da temática, atualizando alguns dos conceitos, foram realizadas coletas em 25 de janeiro de 2022, no periódico Capes, repositório de artigos científicos de maior destaque e relevância no Brasil, estabelecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao Ministério da Educação, entre os anos de 2020 e 2021, com a pesquisa das palavras-chave *Revista AzMina*, Representações da mulher, Violência Contra a Mulher, Jornalismo Online e Mídias Digitais.

Nas consultas, em relação aos termos pesquisados individualmente, foram encontrados 6 resultados em artigos para “*Revista AzMina*”, 1.810 para “Representações da mulher”, 1.709 resultados para “Violência contra a mulher”, 251 com o termo “Jornalismo online” e 1.473 para “Mídias digitais”. No entanto, nem todos os resultados são similares ou tratam do objeto proposto nesta pesquisa. Por exemplo, com a palavra-chave “AzMina” apenas um dos resultados corresponde de fato ao tema.

Ao realizar o cruzamento das palavras-chaves, a maioria dos resultados não corresponde à perspectiva proposta neste artigo, sendo encontrado apenas um resultado pertinente dentro do recorte temporal sugerido de início, com cruzamento dos termos “AzMina” + “Representações”, como pode ser observado no quadro 1:

Quadro 1. Artigos publicados entre 2020 e 2021 que abordam o tema desta pesquisa

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO
Representações de si nos discursos feministas em práticas midiáticas digitais coletivas: <i>Não Me Kahlo</i> e <i>AzMina</i>	Nayara Iris Silva e Souza Paulo Henrique Aguiar Mendes	2020

Fonte: Autorial (2022).

O artigo encontrado foi publicado em 2020 e propõe analisar dois sites de representação feminina coletiva, o blog *Não Me Kahlo* e a revista on-line *AzMina*, de modo a identificar estratégias de discurso utilizadas na elaboração desses espaços e como a mídia on-line, enquanto responsável pela propagação dos discursos, auxilia no processo de construção da imagem das mulheres para resistência política.

Contudo, ainda é preciso destacar, anterior ao período de 2020 e 2021, a presença de estudos similares pertinentes à temática, que foram identificados com o cruzamento das cinco palavras-chave propostas, conforme é apresentado no quadro 2:

Quadro 2. Artigos publicados entre 2018 e 2019 pertinentes sobre a temática

TÍTULO	AUTORAS	ANO
A construção da sororidade nos discursos da <i>Revista AzMina</i>	Liliane M. M. Machado Aline Silva Schons Laila Caroline Silva de Melo Dourado	2019
<i>Revista AzMina</i> e Carnaval sem Assédio: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher	Dulcilia Schroeder Buitoni Martha Lopes	2018

Fonte: Autorial (2022).

Em ambos os artigos, as autoras realizaram uma análise de discurso dos textos noticiosos publicados no site *AzMina*. No primeiro, através da perspectiva de ressignificação da sororidade entre as mulheres e, no segundo, a partir de matérias relacionadas à campanha Carnaval Sem Assédio, que atingiu milhares de pessoas em 2016, para compreender o processo de fazer jornalístico e ação ativista desenvolvidos pelo site. Então, uma vez que será, também, utilizado como aporte-teórico desta pesquisa, faz-se necessário compreender como o discurso é ideologicamente produzido, exercendo controle de mentes e direcionando ações na sociedade, como explica Dijk (2010):

De que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade (Dijk, 2010, p. 9).

Portanto, analisar discursos, de acordo com Gill (2002, p. 245) é ter “a postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão e um ceticismo com respeito à visão de que nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica”, ou seja, sempre buscar observar com criticidade os discursos distribuídos.

E, desse modo, a necessidade de uso desta modalidade de análise qualitativa se justifica sob a perspectiva de compreender o sentido produzido nas publicações selecionadas, para além do conteúdo construído e sistematizado, como afirmam Caregnato e Mutti (2016):

A Análise do Discurso busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso e preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta por meio dele. Enquanto, que a Análise de Conteúdo se fixa, principalmente, no conteúdo do texto, sem fazer relações além deste, e espera compreender o pensamento do sujeito mediante o conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem (Caregnato & Mutti *apud* Gonçalves, 2016, p. 294).

Dessa forma, a Análise de Discurso não considera a linguagem como um meio neutro. Sendo assim, esta explora relações entre o próprio discurso e a realidade, o contexto em que se insere.

Em seguida, também é possível estabelecer algumas relações, ainda que não explícitas, entre as características do jornalismo on-line e os artigos apresentados neste tópico que serão utilizados no decorrer da análise deste trabalho.

No primeiro, intitulado “Representações de si nos discursos feministas em práticas midiáticas digitais coletivas: *Não Me Kahlo* e *AzMina*” identifica-se, de forma indireta, a presença privilegiada e o impulsionamento da interatividade comunicativa (Rost em Canavilhas, 2014), por exemplo, quando Souza e Mendes (2020) analisam as participações do público no site *AzMina* e das especialistas nas colunas de opinião do site, de modo a não concentrar o conhecimento nas criadoras do site, ampliando a colaboração para produção de conteúdo.

No segundo artigo, “A construção da sororidade nos discursos da *revista AzMina*”, identifica-se o conceito de personalização (Lorenz em Canavilhas, 2014) quando se analisa que “as revistas são direcionadas a um público específico e destacam-se pelas estratégias visuais” (Machado; Schons; Dourado, 2019, p. 235), além de pontuarem a importância do uso da multimedialidade (Salaverría em Canavilhas, 2014) e hipertextualidade (Canavilhas, 2014) na construção da *Revista AzMina*.

Por fim, no terceiro e último artigo coletado, “*Revista ‘AzMina’ e Carnaval sem Assédio: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher*” é possível notar, mesmo de maneira não muito explícita, a conexão ao conceito de ubiquidade (Pavlik em Canavilhas, 2014), para explicar o site *AzMina*, quando Buitoni e Lopes (2018) descrevem que a equipe produtora das notícias não fazem parte da mesma localidade, ao contrário, residem em diversos locais do Brasil, o que evidencia a importância desta

particularidade ubíqua do jornalismo on-line, ou seja, a possibilidade não apenas consumir conteúdos de todos os lugares, mas principalmente a facilidade de fazer jornalismo em tempo real e de qualquer lugar.

#### 4. Análise de discurso e linguagens on-line nas publicações

Entre 2020 e 2021, período delimitado para esta pesquisa, as produções jornalísticas, bem como diversas áreas, foram afetadas em razão da pandemia pela Covid-19. Com a necessidade de isolamento social e a ampliação de atividades remotas, houve intensificação de publicação de conteúdos e consumo on-line de notícias, cada vez mais frequentes na rotina dos utilizadores de Internet.

Nesse sentido, com enfoque no site *AzMina*, é possível observar que as matérias publicadas em 2020, em todas as nove editorias disponíveis, totalizam 123. E em 2021, também na soma de todas as editorias, 79 notícias foram publicadas. Em relação às três editorias escolhidas para análise neste artigo, especificamente, observa-se o quantitativo na tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Matérias jornalísticas publicadas em 2020 e 2021 na Revista *AzMina*

EDITORIA	2020	2021	TOTAL
POLÍTICA	38	16	54
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	29	12	41
CULTURA	04	06	10

Fonte: Autoral (2022).

Mas, para efeito desta publicação, foram sorteadas três matérias, uma de cada editoria apresentada na Tabela 1, com o objetivo de identificar mais pormenorizadamente como são utilizadas as linguagens do jornalismo on-line, por meio da Análise de Discurso. Em virtude da extensão das reportagens, não será possível analisá-las integralmente, mas a maioria das informações disponíveis em cada uma será explorada.

Para realizar a análise, de acordo com Gill (2002), é necessário estabelecer um passo a passo do procedimento, iniciando por elaboração de perguntas não convencionais, com a transcrição do texto a ser estudado, seguido de uma leitura cética, sem adotar crenças prévias. Então, é necessária a codificação do conteúdo e, finalmente, a criação de hipóteses sobre o discurso das publicações do site *AzMina*, que serão abordadas de forma descritiva, a seguir.

##### 4.1 Editoria de Política

Na reportagem intitulada “Por que os ataques de Bolsonaro a jornalistas mulheres são um problema?”, publicada no dia 25 de junho de 2021, a autora Helena Bertho apresenta uma discussão sobre a sequência de agressões verbais pelas quais diversas jornalistas vinham sofrendo pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, com o objetivo de problematizar esses acontecimentos, questionar o direcionamento agressivo dele a mulheres, em maioria. Para isso, inicia a matéria contextualizando a situação por meio de uma das vítimas de ataques, utilizando uma expressão comum do dia a dia grifada para enfatizar e se posicionar de forma clara e contrária à atitude do presidente, apontando, também, a causa do problema: o machismo que inferioriza a mulher em relação ao homem na sociedade:

Mais uma vez uma jornalista mulher foi vítima de ataques verbais do presidente Jair Bolsonaro. **Esta semana foi a Laurene Santos, da TV Vanguarda**, o alvo da violência do presidente. O vídeo do “chilique” do presidente agora se soma a uma já **grande lista de imagens de ataques machistas de Bolsonaro** à imprensa (Bertho, 2021, grifo da autoria).

No próximo parágrafo da matéria, Bertho apresenta dados quantitativos para embasar o conteúdo do texto, utilizando um link destacado em cor diferente para oferecer às utilizadoras o acesso à fonte da pesquisa:

Só em 2020, ele sozinho foi responsável por **41% dos ataques à imprensa no país, segundo relatório da Federação Nacional dos Jornalistas**. E isso não é um problema pequeno, afinal, a imprensa é parte essencial do funcionamento de uma democracia. Os ataques em geral às mulheres também subiram. Foram de **21,7% dos casos em 2019, para 28,5% dos casos em 2020** (Bertho, 2021, grifo da autoria).

O uso do link clicável nas palavras “Federação Nacional dos Jornalistas”, corresponde à linguagem da hipertextualidade, do tipo embutida ou interna pontuada por Canavilhas, quando é “grafada em palavras ou outros elementos icônicos existentes dentro do bloco informativo” (2014, p. 8) e essa característica permite que as utilizadoras explorem informações para além da própria notícia, estabelecendo seus percursos de leitura.

Em seguida, a autora destaca novamente a questão de gênero como causa dos ataques do presidente, esclarecendo como isso ocorre e exemplificando por meio de outra matéria que pode ser acessada em hiperlink embutido:

São ataques onde a questão de gênero aparece muito forte. Mulheres jornalistas são **atacadas não pelo seu trabalho ou carreira, mas sim pela aparência, temperamento, questões sexuais e morais**. Inclusive, algo que também acontece com mulheres candidatas, como **mostramos ano passado** (Bertho, 2021, grifo da autoria).

O hiperlink “mostramos ano passado”, oferecido ao final do fragmento, se conecta a mais uma linguagem do jornalismo on-line: a memória. O site *AzMina* oferece a possibilidade de resgate a informações anteriores, armazenadas nas bases de dados, “(...) disponíveis para o acionamento da memória, no momento da construção do discurso jornalístico (...)” (Palacios em Canavilhas, 2014, p. 96). Além disso, esse uso de memória à disposição como instrumento narrativo proporciona, de acordo com o autor, que as utilizadoras também construam contextos próprios de consumo das notícias.

No próximo fragmento da matéria, Bertho faz referência ao conteúdo em vídeo disponibilizado no início da página, explicando de maneira objetiva como o conteúdo será ainda mais detalhado e se incluindo, enquanto mulher, ao público de mulheres que também já possam ter passado por experiências semelhantes, estabelecendo vínculo de proximidade:

No vídeo, a gente explica melhor **como a misoginia do presidente com jornalistas está também ligada a muitos dos outros problemas que enfrentamos** agora (Bertho, 2021, grifo da autoria).

O vídeo publicado junto ao texto indica mais uma característica do jornalismo on-line importante para a múltipla experiência do utilizador: a multimedialidade, em que há combinação de linguagens dentro da estrutura noticiosa. De acordo com Salaverría (em Canavilhas, 2014), a compatibilidade de elementos é essencial para que haja desenvolvimento correto dessa particularidade, bem como o texto e o vídeo publicados numa mesma matéria. Por fim, para exemplificar a presença do elemento citado, a imagem 1 apresenta a imagem do vídeo disponível.

Portanto, é possível observar que a utilização de linguagens como o hiperlink, multimedialidade e memória, estimula um maior tempo de leitura dos conteúdos, além de promover o reconhecimento, a identificação e a participação de utilizadores em pautas que envolvem a questão da violência de gênero.

#### 4.2 Editoria de Violência contra a mulher

A segunda matéria jornalística, cujo título é “Na dúvida se está em um relacionamento abusivo? Converse com a Maia”, publicado em 27 de março de 2020, por autoria de Equipe *AzMina*, propõe apresentar as funcionalidades de uma assistente virtual criada para auxiliar no enfrentamento a violência contra a mulher.

No primeiro fragmento do texto, a introdução ao assunto é feita em forma de perguntas às utilizadoras, para criar (possivelmente) um contexto de conversa que chame a atenção delas, estimulando-as a pensar sobre o assunto a ser discutido a partir de suas próprias experiências:

**Você sabe identificar um relacionamento abusivo? Sabe se já viveu (ou vive em um) ou se uma amiga está num relacionamento desses?** Muitas vezes é difícil identificar agressões que não deixam marcas físicas, **atitudes sutis** de controle e isolamento que são confundidas com atos de amor (Equipe AzMina, 2020, grifo da autoria).

E, para oferecer aprofundamento no conhecimento das leitoras acerca dos tipos de violência, para que seja possível identificar sinais importantes em suas rotinas, Equipe AzMina faz novamente uso da linguagem de hipertextualidade (Canavilhas, 2014) de forma interna ao bloco informativo: ao clicar no link atitudes sutis, um novo percurso pode ser explorado para obter informações em reportagem sobre violência psicológica, em outra janela do site que é aberta sem fechar a janela atual, proporcionando escolhas consumir os conteúdos.

Em seguida, a autora apresenta a assistente virtual junto ao seu objetivo principal em linguagem clara e objetiva:

É para ajudar a reconhecer essas atitudes e oferecer ajuda que a assistente virtual **Maia (Minha Amiga Inteligência Artificial)** foi criada. **Ela tem como objetivo orientar garotas a entenderem se estão em um relacionamento abusivo** (Equipe AzMina, 2020, grifo da autoria).

A partir do terceiro fragmento, as utilizadoras podem aprender a identificar a nova ferramenta tanto no texto, quanto na imagem apresentada em seguida (imagem 2) que funciona como critério de composição complementar na linguagem da multimedialidade (Salaverría em Canavilhas, 2014, p. 42) por meio da homogeneidade temática entre os dois elementos:

A chatbot está disponível na home do site d’AzMina. Para conversar com ela, **basta clicar no ícone de conversa no canto inferior direito da página inicial do site – como indicado com setas na imagem abaixo** (Equipe AzMina, 2020, grifo da autoria).

Na continuidade da notícia em texto, a Equipe AzMina oferece mais informações sobre como as utilizadoras devem interagir com a assistente virtual. E, ainda que de maneira indireta, a partir dessa matéria, é possível observar o estímulo à interatividade (Rost em Canavilhas, 2014) das utilizadoras com a ferramenta, resultando em um serviço que, para funcionar, necessita das ações do público na página:

Helena Bertho

25 de junho de 2021 (Atualizado em 2 de agosto de 2021)



Mais uma vez uma jornalista mulher foi vítima de ataques verbais do presidente Jair Bolsonaro. Esta semana foi a Laurene Santos, da TV

Imagem 1. Captura de tela do site AzMina feita pela autoria. Fonte: Link da captura da imagem (2022).

inicial do site – como indicado com setas na imagem abaixo.



Imagem 2. Captura de tela do site AzMina feita pela autoria. Fonte: Link da captura da imagem (2022).

A Maia conversa com você de forma leve e em tom informativo, apontando os primeiros sinais de quando um relacionamento não é saudável. **Basta responder às perguntas dela, como se você estivesse em uma conversa de WhatsApp com uma amiga** (Equipe AzMina, 2020, grifo da autoria).

E, por fim, utiliza-se mais uma imagem para ilustrar o que é explicado em texto sobre o uso do chatbot, por meio de uma conversa já realizada com a Maia. Dessa forma, é possível aprender estratégias de comunicação objetivas para alcançar o objetivo proposto pelas criadoras.

### 4.3 Editoria de Cultura

A terceira e última reportagem a ser analisada, intitulada “Futurar: o cuidado e o trabalho das mulheres negras”, foi publicada em 13 de julho de 2021, também por autoria de Equipe AzMina, na qual o texto contextualiza outro elemento em destaque na página: um áudio de podcast que discute acerca do trabalho e cuidado das mulheres negras e como essa reflexão influencia a sociedade.

No primeiro fragmento textual, as autoras introduzem o conteúdo por meio de perguntas às leitoras, possivelmente para estimular que elas se ambientem e já desenvolvam reflexões sobre o assunto. Além disso, apresentam as fontes utilizadas na matéria, também destacando as respectivas profissões, já que esse esclarecimento pode auxiliar ainda mais na compreensão da informação principal:

**Como você imagina que vai ser o futuro das tarefas de cuidado? Você acha que vai ser tudo automatizado? Onde as mulheres negras estarão? Fomos a São Paulo e Pernambuco conversar com Luiza Batista, presidenta da Federação das Trabalhadoras Domésticas, e com a doula e pedagoga Edite Neves** para entender como o trabalho de cuidado das mulheres negras, dentro e fora de casa, move toda a sociedade: no passado, no presente e no futuro (Equipe AzMina, 2021, grifo da autoria).

Além disso, é possível perceber no fragmento acima que as entrevistadas (agregadoras ao conteúdo jornalístico) estão em lugares distintos do Brasil e até mesmo distantes entre si (São Paulo e Pernambuco). Com isso, mesmo não sendo explicado de maneira explícita, é possível inferir que a linguagem ubíqua do jornalismo on-line (Pavlik em Canavilhas, 2014) possa ter sido utilizada, uma vez que “todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdo para compartilhamento e distribuição global” (Pavlik in Canavilhas, 2014, p. 160), ou seja, conteúdos gerados em Pernambuco e São Paulo, neste caso, terão acesso global por meio do site *AzMina*.

Em seguida, Equipe AzMina anuncia que o episódio em áudio da matéria está disponível no podcast Futurar, buscando explicar a construção colaborativa desse projeto e reiterar seu objetivo:

**Está no ar** o segundo episódio do podcast Futurar, **uma parceria Revista AzMina e Conversa de Portão (Nós, Mulheres da Periferia)**. A série de três episódios discute como, em meio aos desafios trazidos pela pandemia e àqueles que já existiam, as mulheres negras seguem imaginando e criando futuros possíveis no meio ambiente, economia do cuidado e tecnologia (Equipe AzMina, 2021, grifo da autoria).

No próximo fragmento, informa-se sobre o próximo episódio a ser exibido na página, em uma maneira de convidar as leitoras a acessarem para também conhecerem o processo de apuração do projeto, estratégia que possibilita despertar proximidade, manter as utilizadoras em contato com a construção dos conteúdos, horizontalizando a relação entre o site e o público:

O último episódio do podcast Futurar vai ao ar no dia 20 de julho e, no dia 23, a série será encerrada com uma **reportagem especial com conteúdos extras da apuração** (Equipe AzMina, 2021, grifo da autoria).

Porém, o destaque da reportagem é, de fato, o áudio disponibilizado no início da página. Novamente utilizando a linguagem da multimedialidade (Salaverría em Canavilhas, 2014), neste caso, essa característica

multimídia ocorre por subordinação, no qual, “os elementos secundários sujeitam-se a esse elemento principal” (Falta referência) ou seja, o texto subordinado ao áudio e, este, consequentemente, protagonista da notícia, conforme observa-se na imagem 3:

Ao ouvir o áudio, é possível compreender a informação proposta na íntegra, com as falas das fontes entrevistadas, levando em consideração o contexto de pandemia como pano fundo para a discussão acerca da desvalorização do trabalho e cuidado das mulheres negras no Brasil, inclusive, com apresentação de dados estatísticos e histórias de grande repercussão nacional para embasar a problematização da cultura da servidão, com uso de linguagem mais cotidiana e direta.



Como você imagina que vai ser o futuro das tarefas de cuidado?  
Você acha que vai ser tudo automatizado? Onde as mulheres negras

Imagem 3. Captura de tela do site *AzMina* feita pela autoria. Fonte: Link da captura da imagem (2022).

## 5. Considerações finais

Compreende-se a questão da violência de gênero como um problema real e persistente atualmente em razão da construção cultural e histórica da sociedade com base no sistema patriarcal de privilégio masculino, que objetiva separar homens e mulheres em funções distintas, as direcionando ao lugar de submissão e inferioridade. Romper com essa estrutura de dominação não é um processo simples, uma vez que gerações ainda são ensinadas a conduzir suas ações a partir da reprodução do pensamento patriarcal, que se expressa através do machismo no dia a dia das pessoas. Todavia, o ambiente virtual, por exemplo, abriga novas iniciativas jornalísticas de resistência veiculando informações que realmente podem ajudar a enfrentar o contexto de violência: as linguagens da comunicação digital e on-line que, se não forem negligenciadas, podem funcionar sim como aliadas neste processo de luta.

Junto a isso, é possível concluir que o objetivo de entender como se estruturam as linguagens do jornalismo on-line no site *AzMina* foi alcançado, por meio de análise das sete características propostas por Canavilhas (2014) e demais autores nas matérias jornalísticas selecionadas das editorias de política, violência contra a mulher e cultura, aplicando, ainda, Análise de Discurso do material coletado.

Ao longo do percurso analítico, identificou-se a presença da maioria das linguagens apresentadas: de forma predominante o uso da hipertextualidade para oferecer novos percursos de leitura ao público; a multimedialidade em algumas de suas configurações, informando com uso de elementos distintos, porém compatíveis e complementares, enriquecendo o conteúdo publicado e atraindo a atenção das utilizadoras; a memória estimulada por meio de armazenamento e opção de resgate a informações anteriores e, de maneira menos explícita a interatividade, ao oferecer funcionalidades que auxiliem no enfrentamento a violência de gênero a partir de participação do próprio público feminino e a ubiquidade, que permite construir notícias com contribuições vindas de diversas partes do Brasil.

No entanto, pontua-se, ainda, a ausência de personalização para singularizar e especificar os percursos de consumo das informações e de instantaneidade, que possibilitaria atualizações mais frequentes e em tempo real dos temas. Todavia, acredita-se que a linguagem a ser mais destacada, no sentido de que deveria ser mais bem explorada na construção jornalística do site é a interatividade com o público, para além da participação em ferramentas específicas. É preciso ampliar e proporcionar espaços de feedback e contribuições das leitoras conectadas às informações distribuídas na própria página, de modo a tornar mais horizontal, visível e frequente o contato com as mulheres consumidoras.

## NOTAS

<sup>1</sup> Principal premiação na área de jornalismo de dados do Brasil.

<sup>2</sup> É possível visualizar um relatório sobre essa realidade na pandemia elaborado por parceria colaborativa entre as mídias independentes Amazônia Real, sediada no Amazonas; Agência Eco Nordeste, no Ceará; #Colabora, no Rio de Janeiro; Portal Catarinas, em Santa Catarina; e Ponte Jornalismo, em São Paulo - Link para a matéria: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-enfrentam-em-casa-a-violencia-domestica-e-a-pandemia-da-covid-19/> -

<sup>3</sup> De acordo com a *Revista AzMina*, a categoria “mulheres”, ou seja, público principal a quem é destinado o conteúdo do veículo, não é tratada como universal, existem multiplicidades. Portanto, são consideradas as perspectivas de raça/etnia, classe, orientação sexual e identidade de gênero, ou seja, também são incluídos nas coberturas os homens trans, transmasculinos e pessoas não-binárias.

<sup>4</sup> Vantagens oriundas de posições sociais, políticas, econômicas, raciais, etárias e de gênero.

<sup>5</sup> Violência contra a mulher que ocorre dentro de seu próprio lar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bertho, H. (2021, junho 25). Por que os ataques de Bolsonaro a jornalistas mulheres são um problema? *Revista AzMina*. Recuperado em 15 de maio de 2024 de <https://azmina.com.br/reportagens/por-que-os-ataques-de-bolsonaro-a-jornalistas-mulheres-sao-um-problema/>.

Buitoni, D. S., & Lopes, M. (2018). “*Revista AzMina*” e Carnaval sem Assédio: uma análise do jornalismo ativista no combate à violência contra a mulher. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 4(2), 21-40.

Canavilhas, J. (Org.). (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilha: Livros Labcom. Recuperado em 15 de maio de 2024 de [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO\\_Webjornalismo\\_7.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf).

Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gênero: uma perspectiva global* (3ª ed.). São Paulo: nVersos.

Dijk, T. A. v. (2010). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.

Gill, R. (2002). Análise de Discurso. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Equipe AzMina. (2021, julho 13). Futurar: o cuidado e o trabalho das mulheres negras. *Revista AzMina*. Recuperado em 15 de maio de 2024 de <https://azmina.com.br/reportagens/futurar-o-cuidado-e-o-trabalho-das-mulheres-negras/>.

Equipe AzMina. (2020, março 27). Na dúvida se está em um relacionamento abusivo? Converse com a Maia. *Revista AzMina*. Recuperado em 15 de maio de 2024 de <https://azmina.com.br/reportagens/na-duvida-se-esta-em-um-relacionamento-abusivo-vem-conversar-com-a-maia/>.

Gonçalves, A. (2016). Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise de Conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 17(2), 275-300.

Hooks, B. (2021). Pelo fim da violência. In B. Hooks. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (pp. 74-78). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Machado, L. M. M., Schons, A., & Dourado, L. (2019). A construção da sororidade nos discursos da revista *AzMina*. *Revista Latino-Americana de Jornalismo*, 6(2), 229-257.

Saffioti, H. I. B. (1987). A supremacia masculina na sociedade capitalista. In H. I. B. Saffioti. *O poder do macho* (pp. 41-67). São Paulo: Moderna.

Santin, A. C. A. (2019). *Perspectivas feministas, interseccionalidades e o encarceramento de mulheres no Brasil (2006-2018)*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 77-91.

Souza, N., & Mendes, P. (2020). Representações de si nos discursos feministas em práticas midiáticas digitais coletivas: não me kahlo e AzMina. Pouso Alegre, Mg: *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, vol. 21, 194-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina194a210>

Teles, M. A. A. (1999). *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Tiburi, M. (2020). *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (14<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.